

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados

Elisabeth Murilho da Silva¹

Resumo

Esse trabalho investiga os padrões do comportamento feminino nas décadas de 1950 e 1960 através do colunismo social de Ibrahim Sued. O jornalista manteve durante mais de trinta anos uma coluna diária no jornal *O Globo* e se notabilizou como um árbitro do bom gosto e da elegância, opinando sobre moda e comportamento da elite brasileira.

Palavras-chave: Moda. Comportamento. Cultura juvenil.

Referees of elegance: female behavior from the social columns in Brazil of the golden years

Abstract

This work investigates the norms of female behavior in the 1950s and 1960s through Ibrahim Sued's social columnism. The journalist kept for more than thirty years a daily column in the newspaper *O Globo* and was noted as an arbiter of good taste and elegance, commenting on fashion and behavior of the Brazilian elite.

Keywords: Fashion. Social behavior. Juvenile culture.

1

Doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisadora dos temas relacionados à juventude, moda e cultura juvenil. é autora, entre outros, de *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana* (EDUCC/Capes) E-mail: murilho@gmail.com

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino
a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Murilho da Silva

Introdução

A elegância é algo difícil de ser definido e, justamente por essa razão, objeto de manipulação dos ditos conhecedores da moda e da etiqueta. Como a moda é efêmera, também os padrões de elegância tendem a constantes mudanças, fazendo com que a necessidade de atualização aumente a importância dos especialistas em moda e estilo, tornando-os verdadeiros arautos do bom gosto.

No Brasil, durante ao menos três décadas, esse lugar foi ocupado por Ibrahim Sued, que manteve uma coluna diária no jornal *O Globo* entre 1954 até próximo de sua morte, em 1995. Sued se tornou tão popular em seu trabalho que, além do espaço no jornal, aparecia em outros veículos como o rádio e a televisão, inclusive com participações semanais no programa dominical *Fantástico*. O objeto de sua coluna era a *gente bem*, conforme se designava até a década de 1960 a elite que frequentava festas, promovia jantares, fins de semana em Petrópolis ou Correias, era vista na piscina do Copacabana Palace ou passava temporadas em Paris. O “Turco” como era chamado por descender de árabes, dominava o *grand monde*, como se dizia na época, emitindo opiniões sobre a “arte” de receber, a etiqueta e a elegância dos homens e das mulheres mais importantes da época. O momento mais aguardado, no entanto, era o mês de dezembro, quando o jornalista publicava a lista das dez mulheres mais elegantes do ano em sua coluna n’*O Globo* e no final da semana, na penúltima edição do ano, a *Revista Manchete* trazia as fotografias coloridas.

A análise das colunas sociais do período tem aqui o objetivo de fornecer pistas acerca do comportamento das elites brasileiras da época e que servia, de certa forma, como modelo de imitação para as outras classes sociais. Nesse sentido, esse material permite perceber os padrões de comportamento legitimados pela burguesia e, ao mesmo tempo, a censura a hábitos que se deseja eliminar.

Já desde a chegada da Corte no Brasil, em 1808, conforme demonstra Rainho (2002), os colunistas de jornais assumem essa tarefa de sancionar o comportamento em público, realizando uma crítica dos costumes que

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino
a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Muriho da Silva

permanecerá durante a República, ocupando-se tanto das elites quanto do homem comum em espaços elitizados, como no caso da Avenida Central, no Rio de Janeiro (FEIJÃO, 2011).

Utiliza-se aqui a teoria do autocontrole do comportamento em sociedade, desenvolvida por Norbert Elias em suas obras *O Processo Civilizador* (1994) e *Os Alemães* (1997). Na primeira, o autor demonstra, através da análise de processos sociais de longa duração (ou sociogênese), como o convívio violento das sociedades ocidentais foi, aos poucos, sendo substituído por regras ritualizadas de comportamento social e não violentas, fazendo com que comportamentos não conformes fossem combatidos. Na medida em que aumenta a interdependência entre os indivíduos e a sociedade se torna mais complexa, as regras se expandem para outras camadas da população, atingindo toda a sociedade. Assim, de maneira um tanto simplificada, a civilização seria esse longo processo de aumento gradativo e constante das sensibilidades sociais em relação à violência.

Mais tarde, respondendo às críticas acerca do positivismo dessa teoria e, principalmente, tentando responder ao extermínio em massa que o nazismo promoveu durante a Segunda Guerra Mundial, o autor Elias explica na segunda obra que o gradiente de formalidade e informalidade nas relações sociais pode variar. Segundo ele, observa-se um certo relaxamento nos padrões de comportamento social após a década de 1960, inclusive com a adoção de formas de tratamento pessoal que diminuem as distâncias entre as gerações, os sexos e as hierarquias. Tal observação, no entanto, não indica que o grau de civilização dessas sociedades tenha retrocedido, mas, ao contrário, o que ocorre é justamente o triunfo de regras de comportamento social, longamente apreendidas, de tal maneira que se tornam inconscientes e capazes de inibir formas de reação naturais. Assim, os jovens que desfilavam nus nos grandes concertos de rock da década de 1960 não seriam a expressão da liberdade natural perdida, mas sim o indivíduo altamente civilizado, capaz de reprimir desejos através da racionalização sobre a liberdade e os direitos de cada um na sociedade.

Dessa forma, as colunas sociais do período, ao sancionarem sobre a elegância, fornecem um panorama de comportamento valorizado pelas elites da época, num momento em que ocorre a transição de hábitos muito

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino
a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Muriho da Silva

marcados pela rigidez de uma etiqueta francesa, para a introdução de formas mais espontâneas de comportamento, influência da cultura juvenil.

Ao captar o “clima” da época, a presente pesquisa procura revelar o lugar da mulher e do jovem nessa sociedade, além do papel atribuído às famílias. Esses três atores citados – a mulher, o jovem e a família – serão o alvo das transformações em termos de papéis e comportamentos na revolta juvenil da década de 1960. Os profundos questionamentos terão lugar ainda nas décadas seguintes, chegando a transformações sociais mais consequentes nos anos 1980, quando a mulher e o jovem finalmente passam a ocupar lugares de destaque no mercado de trabalho, inclusive com a desvalorização das outras faixas etárias².

Se hoje nos parece impossível retratar algum evento dos anos 60 sem falar no impacto que a cultura juvenil causou na cultura das sociedades como um todo, analisando as colunas sociais das décadas de 1950 e 1960, perceberemos as sutilezas que separam as gerações nesse momento, destacando as marcas do conservadorismo das elites brasileiras, tributárias de uma cultura francesa um tanto *ancien régime*.

Em sociedade tudo se sabe³

Não há novidade em se dizer que no período colonial brasileiro a corte e as elites que aqui habitavam seguiam a moda europeia, principalmente francesa, encontrada na Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, ou comprada diretamente em Paris. Mais adiante, já no século XX, as mulheres da elite cafeeira eram conhecidas clientes dos mais renomados costureiros franceses, como: Eufrásia Teixeira Leite, cliente de Worth; Tarsila do Amaral, que se vestia com Poiret ou Jean Patou ou Yolanda Penteado (BIVAR, 2004) e que narra suas visitas à Madame Grès em sua biografia.

De fato, a influência francesa na cultura das elites brasileiras não é uma particularidade nacional, pois desde o século XVIII a França influenciava outras nações europeias em matéria de etiqueta, moda e estilo de vida (ELIAS, 2001). Nesse sentido, o habitante dos trópicos que se vestia,

2

Essa discussão, que aparece neste texto um tanto resumida, pode ser vista com maior detalhamento em SILVA, E. M. *É possível falar de tribos urbanas hoje?*, 2011. Disponível em www.iararevista.sp.senac.br

3

Título do livro organizado por Isabel Sued, filha de Ibrahim, que reúne trechos de suas crônicas e livros. Publicado pela Editora Rocco, em 2001, o livro está separado por décadas, e em cada década são vistos assuntos comuns, como: política, gente, moda, etc. A obra, no entanto, isola os trechos julgados interessantes do contexto da crônica e não apresenta datas específicas.

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino
a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Murillo da Silva

segundo os ditames restritivos da moda europeia no século XIX, não era tanto um seguidor da elegância frívola, mas da conformidade aos padrões do pudor e da civilidade exigidos, além, é claro, de reforçar marcas de distinção social, diferenciando-se visivelmente dos negros escravos ou ex-escravos, dos nativos indígenas e dos mestiços ou brancos pobres.

No século XX, a elite enriquecida pela agricultura do café se distingue pelos longos períodos passados na Europa, principalmente em Paris, o que contribui para a continuidade dessa influência, além de trazer de lá roupas, objetos, obras de arte, hábitos, palavras, expressões, receitas culinárias.

Assim, a indústria da moda francesa permaneceu soberana no mundo durante a primeira metade do século XX, mas o cosmopolitismo da cidade nesse período também contribuiu para tornar as estadas em Paris mais interessantes. Após a Primeira Guerra Mundial, a permanência de antigos soldados negros americanos, agora músicos de jazz, impulsionou a boemia em alguns bairros. Nos anos 20, outros americanos chegam: os escritores, aspirantes a escritores, intelectuais e outros artistas que procuram o estilo de vida festivo da cidade, mantendo-se com algum conforto com a diferença no câmbio do dólar valorizado em relação ao franco fragilizado após a guerra. As viagens transatlânticas tornam-se comuns para essas pessoas⁴.

O período de 1950 a 1960 foi, de maneira geral, de abundância econômica, em que o avanço da produção industrial possibilitou o acesso das camadas médias a bens de consumo antes exclusivos das classes mais altas. Isso ocorreu na Europa e nos Estados Unidos, mas também no Brasil, para uma porção restrita da população, habitante de áreas urbanas no Sul e Sudeste do país. Justamente porque um enriquecimento de novas camadas da sociedade foi possível nesse período é que a observância de antigas formas de distinção social se torna importante. De uma parte, a rigidez da etiqueta e as definições de elegância serão lembradas para separar o dinheiro novo do antigo. De outra, o luxo encontrará novas formas de se expressar, normalmente através da exclusividade reservada aos membros do grupo.

A crônica social revela uma época em que o Rio de Janeiro, mesmo quando deixa de ser a capital da República, mantém sua influência, sendo lugar de grande importância política e econômica, além de primeiro (e às

4

Gertrud Stein e Ernest Hemingway foram alguns dos escritores americanos que viveram em Paris na época, e retrataram o estilo de vida dos americanos e outros intelectuais e artistas estrangeiros que viviam na cidade naquele momento. (HEMINGWAY, 2012)

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino
a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Muriho da Silva

vezes único) destino das estrelas e demais celebridades internacionais em visita ao Brasil. O mundo dessa elite aparece aí, aos olhos de hoje, como o encontro de um pequeno e seleto grupo nos mesmos poucos lugares. Todos se conheciam e tem-se a impressão que tudo de importante no país se passava no Rio de Janeiro, já que a importância econômica de São Paulo ainda não abalava a “cidade maravilhosa” em termos de prestígio social.

O colonismo social de Ibrahim Sued

A origem humilde e a ausência de capital cultural ou econômico (BOURDIEU, 2004) não foram impeditivos para que o filho de imigrantes árabes Ibrahim Sued adquirisse fama, riqueza e respeitabilidade como árbitro do bom gosto e do bom viver. Mais interessante é saber que o dito jornalista era conhecido por erros de concordância e outros atropelos em língua portuguesa. Suas dificuldades gramaticais transformaram-se num estilo pessoal, autorizando-o a publicar as crônicas sem revisão no jornal *O Globo*, com o carimbo “Favor esquecer Camões. Proibido mexer no meu estilo. Merci” (SUED, 2001). Introduz expressões próprias como: *panteras e deslumbradas*, referindo-se às mulheres que apareciam em sua coluna; *bola preta*, quando se tratava de uma gafe e, ainda, *bola branca*, ao tratar de algo de bom tom; *cocadinha* ou *geração pão com cocada* para se referir às mulheres jovens ou à nova geração, e ainda *ademã que eu vou em frente*, ao encerrar suas crônicas.

Apesar do grande interesse que o estilo de coluna social inventado por Ibrahim Sued despertou no campo da comunicação, esse não é o objetivo desse trabalho⁵. As colunas do jornalista são tomadas, neste estudo, como um tipo específico de relato da vida social do período. Além disso, a lista das dez mulheres mais elegantes de Ibrahim pode permitir a identificação dos padrões de autocontrole da sociedade da época e que estavam prestes a sofrer transformações. Funcionam aqui, portanto, como material e exercício de memória cotidiana das aparências, pois veiculam as ideias e as imagens de uma performance pública de si.

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino
a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Muriho da Silva

De fato, a lista das dez mulheres mais elegantes foi inventada na década de 1950, por Jacinto de Thormes, pseudônimo de Maneco Müller, jovem “bem nascido” que se ocupava da coluna social no *Diário Carioca*, e que inventou diversas expressões seguidas por muitos outros, como o próprio Sued (SOUZA, 2007, p. 12). As listas de mulheres elegantes, inspirada no colunismo americano, eram muito disputadas no Brasil, e foram copiadas por muitos colunistas, dando origem a competições de vários tipos, até mesmo no teatro de revista, com “as certinhas do Lalau”⁶.

De maneira geral, os jornais que apresentavam esse tipo de notícia, grandes ou pequenos, tinham em sua coluna social algo endereçado a um grupo pequeno de leitores, falando basicamente com quem participava daqueles acontecimentos específicos. Assim como: aniversários, batizados, noivados, casamentos, jantares e outras ocasiões de cerimônia são narrados e retratados para serem vistos por outras pessoas do mesmo meio.

O fato de o jornal ter, ao longo do tempo, atingido um número maior de leitores do que aquele que se vê retratado não alterou o conteúdo das colunas sociais, que ainda se dedicam a noticiar minuciosamente o aniversário de 15 anos da filha de um distinto industrial, descrevendo inclusive as roupas das anfitriãs e convidadas mais ilustres, muitas vezes acompanhadas de fotografias. O objetivo de tais notícias parecia representar naquele momento exaltação da distinção social daqueles que figuravam nos espaços das colunas sociais.

A novidade trazida por Ibrahim Sued é que ele se colocava nos acontecimentos não apenas como um observador ou um repórter, mas como ator, isto é, como alguém que participava diretamente das ações e contava ao público as suas próprias aventuras nesse contexto.

Ao contrário dos demais jornalistas do gênero, que faziam estilo na exaltação dos retratados, Ibrahim constrói assim, ao longo do tempo, seu próprio personagem, e seu prestígio, figurando-se ao lado de personalidades da política, da economia, do mundo artístico e da sociedade.

Ao aparecer ao lado de personalidades como a Rainha Elizabeth da Inglaterra, durante sua visita ao Brasil em 1968, sua posição já consolidada de árbitro da elegância e do gosto torna-se inquestionável. Ibrahim Sued coloca-se como um membro do grupo que narra seu cotidiano aos leitores.

6

Referência à lista publicada por Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo do jornalista Sérgio Porto, que escolhia as dez vedetes do ano.

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Murilho da Silva

No período estudado pertencer ao *Jet set* internacional parece ser a condição para “frequentar” as colunas sociais, pois as mesmas pessoas se encontram nos dois lados do Atlântico, e viajar à Europa, sobretudo a Paris, é algo corriqueiro e não episódico.

É preciso ter em mente que naquele momento havia uma decalagem entre as grandes e as pequenas cidades do mundo. Assim, uma novidade, em termos de moda, música ou cinema, ocorrida em Londres ou Paris ou Nova Iorque demoraria muitos meses, e às vezes anos, para ser conhecida em outras partes do mundo. Então, os membros do *Jet set* eram as pessoas mais atualizadas para contar as novidades internacionais.

Composto basicamente por herdeiros americanos, europeus e latino-americanos, além de artistas do cinema ou da música, alguns homens de negócios e outras celebridades, o *Jet set* vivia circulando entre as cidades mais importantes, como: Nova Iorque e, às vezes, Rio de Janeiro. Além de Paris, os verões na Côte d’Azur ou em Capri, os cruzeiros pelo Mediterrâneo e os invernos esquiando na Suíça são práticas desse estilo de vida. Em consequência, os membros do grupo falam muitos idiomas, ao mesmo tempo: o francês, o inglês e o italiano, embora não seja possível afirmar que falem bem algum deles (DORLÉANS, 2009).

Essa mistura de idiomas e expressões que jamais conheceram seu correlato em português não é exclusiva de Ibrahim Sued. Toda a crônica social é feita com o abuso de termos em francês. Ciente de seu alcance para além desse grupo, Ibrahim às vezes traduzia tais expressões ou explicava o que eram determinados produtos, nomes de vinhos ou pratos franceses servidos nos jantares em que havia participado. Fato, aliás, que denunciava sua condição de membro externo, e que tinha consciência da exclusividade desse estilo de vida.

A elegância da mulher brasileira nos anos dourados

As mulheres que aparecem nas listas das mais elegantes do ano elaboradas por Ibrahim Sued seguiam um perfil definido, ou como dizia o jornalista, “atendiam a um critério de elegância”.

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino
a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Murilho da Silva

Segundo Sued, esse critério era a simplicidade. “Elegância não se compra”, dizia o autor das referidas listas. No entanto, todas elas vestiam-se com os grandes costureiros franceses, passavam temporadas em Paris e muitas frequentavam o *Jet set*. Naturalmente, havia mais do que dez mulheres ricas e vestidas à moda europeia que frequentavam a sociedade da época, e pela inobservância da dita “elegância simples” é que ficavam de fora. A partir da década de 1960 começam a figurar mulheres jovens e solteiras na lista, o que não acontecia antes, quando apenas mulheres casadas eram apontadas, inclusive com a omissão de seus prenomes, sendo sempre a Sra. “Fulano de Tal”, eventualmente acompanhadas de parênteses com explicações sobre o termo *née* (nascida, em francês) e o sobrenome de família.

No momento em que o Rio de Janeiro ocupava o lugar de capital da República, naturalmente a política tinha grande peso na vida social da cidade, e mulheres de diplomatas, embaixadores e deputados acabavam ganhando destaque, uma vez que tinham mais oportunidade de brilharem nas tantas ocasiões formais de que participavam.

Em seguida, vinham as mulheres de grandes homens de negócios: banqueiros, industriais, advogados e outros tradicionais herdeiros cariocas. Alguns nomes foram unanimidade na época, sendo apontadas várias vezes não apenas por essa, mas por várias colunas sociais que passaram a elaborar listas. São elas Lourdes Catão, Teresa de Souza Campos, Carmen Mayrink Veiga e Elisinha Moreira Salles, que era também uma unanimidade internacional em termos de elegância. Conhecida como grande anfitriã, Elisinha Moreira Salles, mulher do banqueiro Walter Moreira Salles, organizou inúmeras recepções em sua casa na Gávea, recebendo a elite brasileira e internacional, e era sempre elogiada nas colunas e por Ibrahim, como exemplo da “elegância simples”.

Na publicação da lista, uma página com os nomes e algumas fotografias das indicadas trazia detalhes de sua vida pessoal, gostos em moda e as razões de sua elegância.

As preferências em relação à moda das indicadas no ano de 1968 são: Balmain, Dior, Grès e Valentino⁷. Se pensarmos que os grandes costureiros franceses nessa época, em termos de novidade eram André Courrèges, Yves Saint-Laurent e Pierre Cardin, percebemos a permanência de um estilo

7

É muito interessante verificar como esses textos se referiam às tais mulheres. Ver especialmente: *O Globo*, 17/12/1968, p. 2, segunda edição.

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Murilho da Silva

tradicional nessa elegância celebrada pelas colunas. A conformidade com um papel que já era amplamente questionado pelas novas gerações ainda aparece aqui como o modelo de elegância:

Mulher 67. Antes de mais nada, a 'mulher 67' [em referência aquele ano] tem que agradar aos homens. Agradar às mulheres ou às amigas não resolve... É burrice.

Ser discreta. Isto é, feminina: nada de masculinidade, como essa palhaçada de terninho, que pode ficar muito bem numa mulher que não se interessa pelos homens. Falar alto, dar gargalhadas estrondosas são outros detalhes que os homens detestam. Eu, no meu caso, tenho horror...

Também a mulher que se perfuma demais é coisa detestável!

Também uma mulher para ser alinhada, isto é, 'mulher 67', tem que ter aquilo que todos nós, os homens, exigimos: classe. E para ter classe não é preciso data... Esta é a minha opinião. (SUED, 2001, p.139)

É possível perceber nesse trecho, a necessidade de conformidade da mulher elegante a um papel e lugar determinados: o de esposa discreta e dócil, que não chama a atenção para si. Em seu tradicional trabalho de seduzir o homem deve procurar atender aos desejos desse.

Em outro momento da mesma década de 1960, sua crítica é mais direta, deixando óbvias as influências da cultura machista que imperava na sociedade brasileira da época:

Aos maridos – Se você chegar em casa e sua mulher estiver de "tromba", não dê importância. Lembre-se de que a coitadinha passou o dia inteiro fofocando com as amigas. Se sua mulher usar minissaia contra a sua vontade, perdoe-lhe, porque ela tem necessidade de mostrar as pernas. Se sua mulher não tiver vontade de ir ao cinema, não a contrarie, porque certamente ela foi à tarde com as amigas. Se a comida não estiver ao seu gosto, não zangue com sua mulherzinha porque naturalmente ela passou o dia batendo boca com as

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Murilho da Silva

amigas e não teve tempo de dirigir a criadagem. Quando sua mulher estiver irritada, não a culpe: lembre-se de que você passou o dia inteiro dando duro no batente para sustentar a família. Se ela reclamar que você lhe dá pouco dinheiro, assalte um banco, porque sua mulher é a 'maior ...' (SUED, 2001, p.97).

Percebe-se que, embora muitas mudanças já estejam batendo à porta da sociedade brasileira, a insistência na conservação de papéis tradicionais para a mulher, como o de esposa e mãe de família, é o alvo principal dessas crônicas, procurando ditar um comportamento considerado adequado.

Considerações finais

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, é possível notar algumas pistas que indicam o alto grau de rigidez no que se refere à conformidade a alguns papéis para a mulher: esposa virtuosa, discreta, anfitriã impecável e devotada à carreira do marido.

Nesse sentido, a moda e as ideias de elegância celebrada nessa coluna atestam um modelo de feminilidade passiva e tradicional, com os atributos do feminino (cintura, seios e quadris) bem marcados. Essa construção estilística do feminino já era largamente contestada nas criações dos jovens costureiros da época.

De outra parte, elementos que ainda carecem de aprofundamento poderão indicar que esse é um mundo que agoniza, enquanto vive seus últimos momentos de glória. As transformações econômicas e culturais que ampliaram o consumo das camadas médias a partir da década de 1950 (HOBSBAWM, 1995) também tiveram consequências importantes na cultura e no estilo de vida dessas elites, inclusive com a maior influência que a cultura norte-americana passará a exercer nas sociedades ocidentais.

E mesmo Paris também estava se transformando, embora tenha conservado seu prestígio em termos de alta costura, novos centros produtores passaram a lhe fazer concorrência, justamente com a proliferação de estilos de vida mais marcados pelo hedonismo.

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino
a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Murilho da Silva

Desse processo resultaram mudanças significativas na família, principalmente no papel de cada um de seus membros, e à medida que outros espaços sociais se abrem para a participação feminina, o casamento vai deixando de ser o único ideal possível para a realização da mulher.

Como marca do conservadorismo da sociedade brasileira do período, a insistência de Sued na valorização de um modelo submisso de mulher contou, por muito tempo, com a aprovação de seus leitores.

Referências

- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- CRANE, D. *A moda e seu papel social. Gênero, classe e identidade das roupas*. São Paulo, Senac, 2007.
- DORLÉANS, F. *Snob Society*. Paris, Flammarion, 2009.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- _____. *Os Alemães*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- _____. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- FEIJÃO, R. *Moda e Modernidade na Belle Époque carioca*. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2011.
- FOULKES, N. *High Society – The history of America's upper class*. New York, Assouline, 2008.
- HEMINGWAY, E. *Paris é uma festa*. São Paulo, Bertrand Brasil, 2012.
- HOBBSAWM, E. *A era dos extremos – o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

Os árbitros da elegância: o comportamento feminino
a partir das colunas sociais no Brasil dos anos dourados
Elisabeth Murilho da Silva

McROBBIE, A. . *A british fashion design. Rag trade or image industry?* London/NewYork, Routledge, 1998.

MENDES, V. e de la HAYE, A. *A moda do século XX*. São Paulo, Martins Fontes, 2009.

RAINHO, M. C. T. *A Cidade e a Moda*. Brasília, Editora da UnB, 2002.

SCOTT FITZGERALD, F. *Este lado do paraíso*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2011.

SILVA, E. M. É possível falar de tribos urbanas hoje? A moda e a cultura juvenil contemporânea. *Iara Revista de Moda, Cultura e Arte*, São Paulo, Senac, v.4, 2011, pp.47-64. Disponível em www.iararevista.sp.senac.br

SOUZA, R. M. de. *O cavalheiro e o canalha: Maneco Müller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial*. Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, set., 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1268-1.pdf>

SUED, Isabel. *Em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

SIMMEL, G. *Filosofia da moda e outros escritos*. Lisboa, Texto & Grafia, 2008.

TRAVANCAS, Isabel. *A coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico*. 2000. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.html>

Recebido em 10/07/2016

Aprovado em 26/09/2016